

Me chamo Janina dos Santos Forte, sou do povo Karipuna da aldeia Espírito Santo, este é o meu segundo relato. Perdi meu pai no dia 7 deste mês, vítima da Covid-19. Meu pai se chamava Fernando Forte, iria completar 57 anos no dia 07 de agosto, no mesmo dia em que ele completa um mês de morto. Há 34 anos ele era servidor federal e trabalhava na Saúde Indígena, ele nos contava que quando foram buscar ele pra trabalhar, ele fugiu para São Jorge por que ele não queria trabalhar na saúde, ele queria ser professor. Na época era a liderança quem escolhia a pessoa para trabalhar, conseguiram encontrá-lo e foi assim que ele começou a trabalhar como auxiliar de enfermagem. Meu pai foi Cacique da Aldeia Espírito Santo, uma liderança ativa e presente até o último momento. Ele participou da demarcação das nossas terras, minha inspiração para me tornar liderança foi ele e minha vô Xandoca.

Meu pai veio trabalhar em Oiapoque no ano de 2018, quando assumiu a chefia da Casai-Oiapoque. Ele decidiu lutar para melhorar a saúde do nosso povo, deste então deu o melhor de si para atender nosso povo indígena! Quando ele se mudou para a cidade sentimos muita falta dele, mas todo final de semana ele ia para a aldeia nos ver. Ele tinha diabetes, era hipertenso, tinha problemas nos rins, sem se cuidar, tomava muito remédio caseiro. Em agosto do ano de 2017 ele sofreu um AVC e quase que ele morre, pedimos que ele parasse de trabalhar para cuidar mais da saúde e ele se recusou, disse que se parasse de trabalhar iria ficar mais doente, e assim que ele ficou bom voltou à ativa. Ele amava trabalhar na Casai, a mamãe dizia que a Casai era a paixão dele.

Quando começou a pandemia da Covid-19 ele foi imediatamente para a aldeia, por ele ser do grupo de risco não podia ficar na cidade. Desde então estava lá conosco, voltou a sua vida de 10 anos atrás: acordava, tomava café e ia para a casa da minha vô ver como ela estava. Na aldeia ele tem um carbê e ali ele viveu esses meses pescando, comendo e deitando na rede, com toda nossa família reunida. Estávamos tranquilos pelo fato dele estar por lá, longe da cidade e da doença.

Quando os primeiros casos foram confirmados nas aldeias fizemos uma reunião com a comunidade. Meu pai e a equipe de saúde da aldeia explicaram às pessoas como era essa doença. Em uma de suas falas meu pai disse: "se eu pegar essa doença eu vou morrer", ele tinha total consciência do que essa doença era capaz.

Fizemos de tudo para nos proteger, usávamos máscara, não saímos para a cidade, usávamos álcool em gel, tudo para proteger nossos familiares e comunidade. Mas mesmo assim o vírus chegou em nossa comunidade e, conseqüentemente, chegou até o meu pai. No dia 18 de maio recebemos uma notícia que abalou nossa família: meu tio, irmão do meu pai, havia falecido de Covid-19 em Oiapoque. Nossa! Foi muito triste! Meu pai ficou arrasado! Quando fui dar a notícia à ele, ele me disse: "hoje são os filhos dele que choram, amanhã ou depois serão vocês". Me lembro disso com muita tristeza, já era o começo da despedida do meu pai.

No dia 21 de junho vieram para Oiapoque meu pai, minha mãe, meu irmão e meu filho mais velho. Meu pai estava preocupado com a nossa casa aqui em Oiapoque, pois não tinha ninguém ficando nela. Nesse tempo já estávamos com muitos casos na aldeia, assim, não contrariamos a vinda dele, e ele prometeu que não sairia de casa. Mal sabíamos nós que já estávamos contaminados, minha mãe já estava com a doença. Assim que chegou no Oiapoque minha mãe começou a ter febre e dor no corpo, logo em seguida foi a vez do meu pai. Ele começou a ter febre em uma sexta-feira, eu estava na aldeia, mas falávamos com meus pais todos os dias pelo WhatsApp, foi assim que eu soube que ele estava doente.

Na terça-feira eu vim para cá, para o Oiapoque cuidar deles. Quando cheguei aqui meu pai estava mal, com diarreia, febre e dor no corpo, conversei com ele para irmos para o hospital, mas ele não queria, conversei até convencê-lo. Fomos neste mesmo dia, à tarde, para o hospital, ficamos até às 10 horas da noite e voltamos para casa. O médico tinha pedido alguns exames e fizemos no dia seguinte, assim que saiu o resultado dos exames voltamos ao hospital e o médico encaminhou meu pai com urgência para Macapá. No sábado, às 14 horas ele foi transferido de aeronave para Macapá, na terça-feira ele morreu.

No dia em que enterramos meu pai perdemos mais um senhor da nossa comunidade, também vítima da Covid-19. Não está sendo fácil para nós, pois essa doença está acabando conosco, fisicamente e mentalmente. Esta é uma história que eu não gostaria de estar contando para vocês, minha família está arrasada, perdemos nosso pilar e estamos tentando nos sustentar sem ele. Vivemos um dia de cada vez, com a ajuda e o companheirismo dos nossos amigos e familiares, mas principalmente da nossa comunidade, que tem nos dado todo apoio, estamos seguindo...

Tento, assim como minha família, me lembrar só das coisas boas, o quão bom pai meu pai foi. Sempre amigo, companheiro e um homem de bom coração, nunca iremos esquecer tudo que ele nos proporcionou. Espero, assim como todos, que esse tempo ruim logo passe, que se ache logo a vacina ou a cura para esta doença, para que outras famílias não tenham que passar pelo que a minha família tá passando hoje.

Oiapoque, Amapá, Brasil  
29 de julho de 2020.

**#OPETNãoPara #PetIndígena #MobilizaPET #CampusBinacional #Oiapoque #CLLI #LicenciaturaIndígena #FalaParente #vidasindigenasimportam**

Je m'appelle Janina dos Santos Forte, j'appartiens au peuple Karipuna du village d'Espírito Santo, ceci est mon deuxième rapport. J'ai perdu mon père le 7 de ce mois, victime de Covid-19. Le nom de mon père était Fernando Forte, il fêtait ses 57 ans le 7 août, le jour même de sa mort d'un mois. Il y a 34 ans, il était employé fédéral et travaillait dans le domaine de la santé indigène, il nous a dit lorsqu'ils allaient le chercher au travail, il s'était enfui à Saint George parce qu'il ne voulait pas travailler dans la santé, il voulait être enseignant. À l'époque, ce sont les dirigeants qui ont choisi la personne pour travailler, ils ont réussi à le trouver et c'est ainsi qu'il a commencé à travailler comme infirmier auxiliaire. Mon père était Cacique du Village Espírito Santo, une direction active et présente jusqu'au dernier moment. Il a participé à la démarcation de nos terres, mon inspiration pour devenir un leader était lui et ma grand-mère Xandoca.

Mon père est venu travailler à Oiapoque en 2018, lorsqu'il a pris la direction de Casai-Oiapoque. Il a décidé de se battre pour améliorer la santé de notre peuple, depuis lors, il fait de son mieux pour servir nos peuples indigènes! Quand il a déménagé en ville, il nous manquait beaucoup, mais chaque week-end, il allait au village nous voir. Il avait du diabète, il était hypertendu, il avait des problèmes rénaux, il prenait plus soin de lui-même, il prenait beaucoup de médicaments à domicile. En août de l'année 2017, il a eu un accident vasculaire cérébral et a failli mourir, nous lui avons demandé d'arrêter de travailler pour prendre plus soin de sa santé et il a refusé, a dit que s'il arrêtait de travailler, il tomberait plus malade et dès qu'il se rétablirait, il revenait à actif. Il adorait travailler chez Casai, maman a dit que Casai était sa passion.

Lorsque la pandémie de Covid-19 a commencé, il s'est immédiatement rendu au village, car il était en danger, il ne pouvait pas rester dans la ville. Depuis, il était là avec nous, il est revenu à sa vie il y a 10 ans: il se réveillait, buvait du café et allait chez ma grand-mère pour voir comment elle allait. Au village, il a un carbê et là il a passé ces mois à pêcher, à manger et à s'allonger dans un hamac, avec toute notre famille réunie. Nous étions calmes parce qu'il était là, loin de la ville et de la maladie. Lorsque les premiers cas ont été confirmés dans les villages, nous avons eu une réunion avec la communauté. Mon père et l'équipe de santé du village ont expliqué aux gens à quoi ressemblait cette maladie. Dans l'un de ses discours, mon père a dit: «Si j'attrape cette maladie, je mourrai», il était pleinement conscient de ce dont cette maladie était capable.

Nous avons tout fait pour nous protéger, nous avons utilisé un masque, nous ne sommes pas sortis en ville, tout avons utilisé du gel alcoolisé, tout pour protéger notre famille et notre communauté. Mais même ainsi, le virus est arrivé dans notre communauté et, par conséquent, a atteint mon père. Le 18 mai, nous avons reçu une nouvelle qui a secoué notre famille: mon oncle, le frère de mon père, était mort de Covid-19 à Oiapoque. Hou la la! C'était très triste! Mon père était dévasté! Quand je suis allé lui annoncer la nouvelle, il m'a dit: "aujourd'hui ce sont ses enfants qui pleurent, demain ou plus tard ce sera vous". Je m'en souviens avec une grande tristesse, c'était le début des adieux de mon père.

Le 21 juin, mon père, ma mère, mon frère et mon fils aîné sont venus à Oiapoque. Mon père s'inquiétait pour notre maison ici à Oiapoque, car ils n'avaient rien resté. À ce moment-là, nous avions déjà de nombreux cas dans le village, nous ne nous sommes donc pas opposés à sa venue et il a promis de ne pas quitter la maison. Nous ne savions pas que nous étions déjà infectés, ma mère avait déjà la maladie. Dès son arrivée à Oiapoque, ma mère a commencé à avoir de la fièvre et des douleurs corporelles, juste après, c'était au tour de mon père. Il a commencé à avoir de la fièvre un vendredi, j'étais au village, mais nous parlions tous les jours à mes parents sur WhatsApp, c'est comme ça que je savais qu'il était malade. Mardi je suis venu ici, à Oiapoque pour s'occuper d'eux. Quand je suis arrivé ici, mon père était malade, avec de la diarrhée, de la fièvre et des douleurs corporelles, je lui ai parlé d'aller à l'hôpital, mais il ne voulait pas, j'ai parlé jusqu'à ce que je l'ai convaincu. Nous sommes allés le même jour dans l'après-midi à l'hôpital, sommes restés jusqu'à 22 heures et sommes rentrés chez nous. Le médecin avait ordonné des tests et nous l'avons fait le lendemain, dès que les résultats des tests sont sortis, nous sommes retournés à l'hôpital et le médecin a référé d'urgence mon père à Macapá. Samedi à 14 heures, il a été transféré d'un avion à Macapá, mardi il est décédé.

Le jour où nous avons enterré mon père, nous avons perdu un autre homme de notre communauté, également victime de Covid-19. Ce n'est pas facile pour nous, car cette maladie nous anéantit physiquement et mentalement. C'est une histoire que je n'aimerais pas vous raconter, ma famille est dévastée, nous avons perdu notre pilier et nous essayons de nous soutenir sans lui. Nous vivons un jour à la fois, avec l'aide et la compagnie de nos amis et de notre famille, mais principalement de notre communauté, qui nous a tous soutenus, nous suivons ... Comme ma famille, j'essaie de ne me souvenir que des bonnes choses, à quel point mon père était bon. Toujours ami, compagnon et homme de bon cœur, nous n'oublierons jamais tout ce qu'il nous a donné.

J'espère, comme tout le monde, que cette mauvaise période passera bientôt, que le vaccin ou le remède contre cette maladie sera bientôt trouvé, afin que d'autres familles n'aient pas à subir ce que ma famille traverse aujourd'hui.

Oiapoque, Amapá, Brésil  
29 Juillet 2020.

Traduit par Johnson Morancy

**#OPETNãoPara #PetIndígena #MobilizaPET #CampusBinacional #Oiapoque #CLLI #LicenciaturaIndígena #FalaParente #vidasindigenasimportam**

I am Janina dos Santos Forte, I belong to the Karipuna people from Espírito Santo Village, this is my second report. I've lost my father on 7th of this month, a victim of Covid-19. His name was Fernando Forte, he would turn 57 on August 7th, same day it's marked one month of his death. 34 years ago, he worked as a federal employee in Indigenous Health, he told us that when they came to take him to work, he ran away to São Jorge because he didn't want to work in the health sector, actually he wanted to be a teacher. At that time, it was our leader the one in charge to pick people to work, later they found him and that's how he started to work as a nursing assistant. My father was a Cacique (chief) of Espírito Santo Village, he was an active and present leader until his last moment. He was engaged in our lands' demarcation. My inspiration to become a leader was him and my grandmother Xandoca.

My father's work in Oiapoque began in 2018, when he took over as head of Casai-Oiapoque. He decided to fight to improve the conditions of our people's health, since then he has done his best to serve our indigenous people! When he moved to the city, we missed him a lot, on the other hand he always visited us on weekends at the village. He was a diabetic, hypertensive, and he had some kidney problems, but he knew how to take care of himself, he took a lot of home medicine. In August of 2017 he suffered a stroke and almost died, we asked him to stop working to take more care of his health and he refused, saying that if he stopped working, he would get even sicker, and as soon as he got well, he returned to his activities. He loved working at Casai, Mom said that Casai was his passion.

When Covid-19 pandemic began, he immediately went to the village, as he was at risk, he couldn't stay in the city. Since then, he was there with us, he returned to his life of 10 years ago: he would wake up, have some coffee and go to my grandmother's house to check on her. In the village he owns a carbê (small wooden house set in order to shelter the family as they set up in a place) and there he spent these months fishing, eating and laid in his hammock, with all our family together. We felt better because he was there, away from the city and the disease.

We held a community meeting as soon as the firsts cases got confirmed in the villages. My father and the village health team explained how this disease was like. In one of his speeches, my father said: "If I get this disease, I will die", he was fully aware of its dangerousness.

We did everything we could to prevent ourselves from covid-19, we wore masks, we didn't go to the city, we used hand sanitizer, everything to protect our family and community. Even so, the virus reached our community and, later, my father. On May 18th we received news that shook our family: my uncle, my father's brother, had died of Covid-19 in Oiapoque. Good Lord! What a sad situation! My father was disconsolate! After I told him the news, he replied: "today his children are the ones who cry, tomorrow or later it will be you". I remember this with deep sadness, as if he was saying good bye beforehand.

On June 21st both my parents, my brother and my older son came to Oiapoque. My father was worried about our house here in Oiapoque, because there was nobody living in it. At that time, we already knew about many covid cases in the village, so we didn't object to his coming. He promised he wouldn't leave the house. Little did we know that we were already infected, my mother had the disease by then. As soon as I arrived in Oiapoque, my mother started to have fever and body pain, followed by my father. He started to have a fever on a Friday, I was in the village, and we talked to my parents every day through WhatsApp, that's how I got to know he was sick.

On Tuesday I came to Oiapoque to take care of them. When I got here my father was ill, with diarrrhea, fever and body pain, I tried to convince him to go to the hospital, but he didn't want to, I tried until I finally persuaded him. That afternoon, we went to the hospital, and only after 10 p.m. did we return home. The doctor ordered some tests and the next day, as soon as the test results came out, we went back to the hospital and the doctor, urgently, sent my father to Macapá. On Saturday at 2 p.m. he was transferred by aircraft to Macapá, on Tuesday he died. The Covid-19 we buried my father, we also lost another man from our community, another victim of Covid-19. It is not easy for us, as this disease is bringing us down, physically and mentally. This is a story that I'd rather not be telling you, my family is devastated, we have lost our family's most important pillar and we are trying to maintain ourselves without it. We live one day at a time, with the help and companionship of our friends and family, mainly from our community, which has given us all support, we keep on carrying on ...

I try to remember only the good things about my father. Always a friend, companion and a man with a good heart, we will always remember everything he has given us. I hope, as everyone else does, that these hard times pass very soon, that the vaccine or cure for this disease can soon be found, so that other families do never go through what my family has been through recently.

Oiapoque, Amapá, Brazil  
July 29th, 2020.

Translated by Ydoreh Gomes Borges

**#OPETNãoPara #PetIndígena #MobilizaPET #CampusBinacional #Oiapoque #CLLI #LicenciaturaIndígena #FalaParente #vidasindigenasimportam**

Me llamo Janina dos Santos Forte, soy del pueblo Karipuna de Espírito Santo, este es mi segundo informe. Perdí a mi padre el 7 de este mes, víctima de Covid-19. Mi padre se llamaba Fernando Forte, iba a cumplir 57 años el 7 de agosto, el mismo día que cumple un mes. Hace 34 años era un servidor federal y trabajaba en la Salud Indígena, nos dijo que cuando iban a llevarlo a trabajar, huyó a San Jorge porque no quería trabajar en la salud, quería ser maestro. En ese momento era el jefe quien elegía a la persona para trabajar, fueron capaces de encontrarlo y así fue como comenzó a trabajar como asistente de enfermería. Mi padre fue Cacique de la Aldea Espírito Santo, un líder activo y presente hasta el último momento. Participó en la demarcación de nuestras tierras, mi inspiración para convertirme en líder fue él y mi abuela Xandoca.

Mi padre vino a trabajar a Oiapoque en 2018, cuando asumió el liderazgo de la CASAI (Casa De Apoio À Saúde Indígena) Oiapoque. Decidió luchar para mejorar la salud de nuestro pueblo, desde entonces dió lo mejor de sí mismo para conocer a nuestros pueblos indígenas! Cuando se mudó a la ciudad lo echamos mucho de menos, pero cada fin de semana iba al pueblo a vernos. En agosto de 2017 sufrió un derrame cerebral y casi muere, le pedimos que dejara de trabajar para cuidar más su salud y se negó, dijo que si dejaba de trabajar se enfermaría, y tan pronto que mejoró volvió al servicio activo. Le encantaba trabajar en CASAI, mamá dijo que CASAI era su pasión.

Cuando comenzó la pandemia del Covid-19, inmediatamente fue a la aldea porque estaba en el grupo de riesgo no pudo quedarse en la ciudad. Desde entonces estuvo allí con nosotros, regresó a su vida hace 10 años: se despertó, tomó café y fue a la casa de mi abuela (ya era con él) y allí vivió estos meses pescando, comiendo y acostado en la red, con toda nuestra familia juntos. Estábamos tranquilos que él estaba allí, lejos de la ciudad y de la enfermedad.

Cuando se confirmaron los primeros casos en las aldeas, tuvimos una reunión con la comunidad. Mi padre y el equipo de salud del pueblo le explicamos a la gente cómo era esta enfermedad. En una de sus líneas, mi padre dijo: "Si cojo esta enfermedad, moriré", él era plenamente consciente de lo que esta enfermedad era capaz de hacer.

Hicimos todo lo que pudimos para protegernos, usamos máscaras, no salimos a la ciudad, usamos alcohol en gel, todo para proteger a nuestra familia y comunidad. Pero incluso entonces el virus llegó a nuestra comunidad y en consecuencia llegó a mi padre. El 18 de mayo recibimos una noticia que sacudió a nuestra familia: mi tío, el hermano de mi padre, había muerto de Covid-19 en Oiapoque. ¡Wow!!! ¡Fue muy triste! ¡Mi padre estaba devastado! Cuando fui a darle la noticia, me dijo: "Hoy son sus hijos los que lloran, mañana o el siguiente serán vosotros". Lo recuerdo con gran tristeza, ya era el comienzo de la despedida de mi padre.

El 21 de junio, vinieron a Oiapoque, mi padre, mi madre, mi hermano y mi hijo mayor. Mi padre estaba preocupado por nuestra casa aquí en Oiapoque, porque no había nadie en ella. En ese momento ya estábamos con muchos casos en el pueblo, así que no habíamos decidido su venida, y prometió que no saldría de la casa. Poco sabíamos que ya estábamos infectados, mi madre ya tenía la enfermedad. Tan pronto como llegó a Oiapoque mi madre comenzó a tener fiebre y dolor en su cuerpo, justo después de que era el turno de mi padre. Empezó a tener fiebre un viernes, yo estaba en el pueblo, pero hablamos con mis padres todos los días a través de WhatsApp, así es como supe que estaba enfermo.

El martes vine a Oiapoque para ocuparme de ellos. Cuando llegué aquí, mi padre estaba enfermo, con diarrea, fiebre y dolor corporal, le hablé de ir al hospital, pero no quería, hablé hasta que lo convencí. El mismo día, por la tarde, al hospital, nos quedamos y los hicimos al 10 de la noche y regresamos a casa. El médico había solicitado algunas pruebas y lo hicimos al día siguiente, tan pronto como los resultados de las pruebas regresaron al hospital y el médico derivó urgentemente a mi padre a Macapá. El sábado, a las 2 pm fue trasladado en avión a Macapá, y mi padre murió.

El día que enterramos a mi padre, perdimos a otro caballero de nuestra comunidad, también víctima de Covid-19. No es fácil para nosotros, porque esta enfermedad nos está matando física y mentalmente. Esta es una historia que no quisiera contarte, mi familia está devastada, hemos perdido nuestro pilar y estamos tratando de mantenernos sin él. Vivimos un día a la vez, con la ayuda y compañerismo de nuestros amigos y familiares, pero principalmente de nuestra comunidad, que nos ha dado todo el apoyo, estamos siguiendo...

Intento, como mi familia, recordar sólo las cosas buenas, lo bueno que era mi padre. Siempre un amigo, compañero y un hombre de buen corazón, nunca olvidaremos todo lo que nos ha dado. Espero, como todos los demás, que este mal tiempo pase pronto, que la vacuna o la cura para esta enfermedad se encuentre pronto, para que otras familias no tengan que pasar por lo que mi familia está pasando.

Oiapoque, Amapá, Brasil, 29 de julho de 2020.

Traducido por Carlos Armando Reyes Flores

**#OPETNãoPara #PetIndígena #MobilizaPET #CampusBinacional #Oiapoque #CLLI #LicenciaturaIndígena #FalaParente #vidasindigenasimportam**

